

## **Obama de olho no etanol e no petróleo do pré-sal**

*Isabel Fleck e Rosana Hessel*

*Presidente norte-americano chega ao Brasil disposto a negociar commodity, visando ampliar sua segurança energética diante da crise no Oriente*

Se em um período de calmaria no mercado, a energia já seria um tema essencial na conversa entre os presidentes de Brasil e Estados Unidos, em meio à uma grave crise política no Oriente Médio e com o crescente questionamento da opção nuclear, o assunto deverá predominar na agenda de Barack Obama e Dilma Rousseff no Palácio do Planalto neste sábado. A instabilidade dos países árabes, que ajudou a elevar a cotação do petróleo no mercado internacional, faz com que o líder dos Estados Unidos, maior importador e consumidor do mundo dessa commodity, chegue a Brasília para realmente buscar algo além, visando ampliar a sua segurança energética. Um dos sinais é a presença do secretário de Energia, Steven Chu, na comitiva americana.

A Casa Branca já adiantou seu interesse em uma parceria cada vez mais ampla com o Brasil na área – que englobaria desde a compra de petróleo e a perfuração das reservas do pré-sal até a cooperação em nível global sobre biocombustíveis e outras formas de energia limpa. Segundo o vice conselheiro nacional para assuntos econômicos, Mike Froman, há uma “parceria estratégica natural” entre os dois países nessa área, uma vez que já há um trabalho conjunto de perfuração em águas profundas.

Um possível acordo entre EUA e Brasil para a compra de petróleo do pré-sal, no entanto, ainda deverá demandar tempo para ser concretizado, pois qualquer leilão de novas áreas de exploração dependerá da aprovação do novo projeto de lei sobre os seus royalties, cujas discussões serão retomadas ainda neste semestre no Congresso. Hoje, a dependência de petróleo dos EUA é inevitavelmente de países em constantes conflitos. Na América Latina, um dos principais fornecedores de óleo e derivados é a Venezuela, chefiada pelo polêmico Hugo Chávez, que apesar de ser um parceiro econômico, está longe de ser um aliado político dos EUA. Em primeiro lugar, está o México.

O restante, vem do Oriente Médio, de parceiros como a Líbia, que enfrenta uma verdadeira guerra civil iniciada pela violenta repressão do governo aos protestos pela saída do ditador Muamar Kadafi.

**FUTURO.** O Brasil tem levantado o interesse no mercado internacional. O jornal britânico Financial Times, por exemplo, ressaltou o potencial das reservas do pré-sal em um artigo publicado ontem, no qual destacou que Brasil poderá saltar da 15ª colocação para a 5ª, superando a Nigéria e o próprio EUA como produtor de petróleo.

“Como aqui não há conflitos étnicos ou religiosos, o Brasil acaba sendo um parceiro mais seguro e confiável nessa área energética do que Venezuela e os países árabes”, disse o especialista Adriano Pires, diretor do Centro Brasileiro de Infraestrutura. Segundo ele, a China fez um acordo com o Brasil no qual adiantou um empréstimo de US\$ 10 bilhões para que a Petrobras exportasse, por dez anos, 200 mil barris de petróleo por dia.

Além disso, o Brasil desperta o interesse dos EUA por ser uma opção fisicamente mais próxima do país, em comparação ao Oriente Médio.

O especialista americano Mark Katz, da George Mason University, concorda que as reservas brasileiras são uma boa opção para os EUA, tanto para compra como para exploração.

“O Brasil pode definitivamente ser parte da solução para os problemas de energia dos EUA. É muito mais estável que o Oriente Médio, a Rússia e a Venezuela.” A predominância das discussões entre Obama e Dilma sobre uma agenda energética também parece ser inevitável, já que essa é a área em que a presidente brasileira tem maior experiência e conhecimento de causa.

**ETANOL.** Em 2007, Brasil e EUA assinaram um memorando de entendimento para a cooperação em biocombustíveis, de forma bilateral e global. Desde então, a parceria avançou bastante em países da América Central e da África. Hoje, a discussão entre os dois países tem como foco também o interesse mútuo em transformar o etanol em uma commodity negociada no mercado internacional como o petróleo.

“O momento atual é propício para que essas conversas ocorram e o Brasil poderia aproveitar para negociar a quebra das barreiras comerciais dos EUA para as exportações de etanol brasileiras para lá”, aconselha Pires.

Atualmente, o governo americano mantém subsídios de US\$ 0,45 por galão a produtores de etanol do país, além de uma tarifa para o etanol brasileiro de US\$ 0,54 por galão — o que faz com que o combustível de cana-de-açúcar não seja competitivo no mercado americano.

O embaixador norteamericano no Brasil, Thomas Shannon, já assegurou que haverá avanços das negociações para o desenvolvimento conjunto da produção de etanol entre os dois países. Agora, em meio aos temores de um novo acidente nuclear no Japão, após o forte terremoto seguido do tsunami que arrasou o litoral do nordeste do país asiático, a busca de fontes de energias limpas volta a ser uma das prioridades na pauta energética bilateral Brasil-EUA. “O biocombustível retoma o centro das discussões mais uma vez, especialmente nesse momento em que a energia nuclear voltou a ser o patinho feio”, disse.

**Fonte: Jornal do Commercio, Rio de Janeiro, 17 mar. 2011, Primeiro Caderno, p. A10.**